

## 2

### Revisão da literatura

#### 2.1

##### As preposições por e para nas gramáticas do modelo tradicional

Realizando uma breve pesquisa em diversas gramáticas tradicionais da língua portuguesa a respeito das preposições em estudo – **para** e **por** –, encontramos semelhança de abordagens entre elas. Há coincidência entre as gramáticas quanto aos valores semânticos expressos por essas preposições, com pequenas variações.

Elegemos a *Nova Gramática do Português Contemporâneo*, de Celso Cunha e Lindley Cintra (2001), pois o tratamento dado às preposições é minucioso e bem fundamentado.

As preposições, segundo os autores, são “palavras invariáveis que relacionam dois termos de uma oração” (2001:555), em que aquele que os antecede tem o seu sentido explicado ou completado por aquele que os segue, chamado de conseqüente. Nota-se nessa definição um enfoque não apenas formal, mas também semântico. Como exemplos, temos:

Quadro 1

Exemplos de preposições simples

| Antecedente    | Preposição | Consequente |
|----------------|------------|-------------|
| Voltei         | de         | Paris       |
| Falemos        | com        | eles        |
| Olhai          | por        | nós         |
| Vou            | a          | Brasília    |
| Eles compraram | para       | mim         |

As preposições acima são alguns exemplos das chamadas preposições **simples**. Diferentes das locuções prepositivas, as simples são formadas por apenas um único vocábulo, sendo aquelas formadas por um grupo de dois ou mais vocábulos, geralmente o último sendo a preposição **de**: *apesar de*, *embaixo de*, *em*

*cima de, a respeito de, em vez de, perto de, para com, por causa de, por trás de, a fim de, acerca de, de acordo com, diante de*, entre muitos outros.

Não é nosso propósito o estudo de todas as preposições existentes na língua portuguesa. Vamos limitar-nos às diretamente envolvidas com os objetivos da nossa pesquisa.

De maneira geral, os autores apontam o valor relacional das preposições e apresentam uma lista fechada das chamadas preposições essenciais simples. A divisão entre essenciais e as chamadas acidentais deve-se ao fato de o primeiro grupo ser constituído por partículas com essa função, enquanto o segundo grupo abriga elementos de outras classes de palavras que, eventualmente, funcionam como preposições.

O estudo sobre as preposições portuguesas em Cunha e Cintra baseia-se na doutrina de Pottier<sup>2</sup> sobre preposições. Segundo este autor, as preposições estão diretamente ligadas aos casos latinos com que têm afinidade semântica. O valor expressivo dessas partículas parte de um sentido fundamental que se observa na língua e que pode ser reproduzido graficamente. A multiplicidade de valores atribuídos às preposições prende-se a este sentido fundamental, levando-se em conta os níveis do espaço, do tempo e da noção, nesta ordem. Em outras palavras, o valor da preposição vai de um nível mais concreto (o espaço) para outros mais abstratos (a noção). É seguindo esta orientação que Cunha e Cintra apresentam as preposições portuguesas.

Preliminarmente mostram que as relações entre os termos ligados pelas preposições podem indicar movimento ou ausência de movimento. As relações estabelecidas pelas preposições nas frases em que estão inseridas que demonstram a ausência de movimento são chamadas por Cunha e Cintra de **relações de situação**, isto é, uma situação resultante de um movimento. As relações de situação são basicamente constituídas pelas preposições **a, de e com**.

Essas relações de movimento e ausência de movimento – ou situação – podem ser consideradas com referência ao espaço, ao tempo e à noção, isto é, como dito anteriormente, parte-se de um nível mais concreto da língua para um nível mais abstrato.

---

<sup>2</sup> POTTIER, Bernard. Systématique des éléments de relation. Etude de morphosyntaxe structurale romane. Paris, Klincksieck, 1962; Sobre la naturaleza del caso y la preposición e Espacio y tiempo em el sistema de las preposiciones. In: Linguística Moderna y Filología Hispánica. Madrid, Gredos, p. 137 – 153.

No caso da preposição **para**, seu matiz significativo predominante é o de movimento. Conforme definição dos autores, “movimento = tendência para um limite, finalidade, direção, perspectiva”, essa preposição, porém, no uso cotidiano, pode adquirir, em diferentes contextos, inúmeros outros matizes significativos e possibilidades de aplicação, considerando-se os campos de espaço, tempo e noção, referidos por Cunha e Cintra.

Podemos distinguir diferentes valores das preposições **para** e **por**, a partir do seu sentido fundamental, segundo a *Nova Gramática Contemporânea*, em textos de autores brasileiros dos séculos XIX e XX, como Machado de Assis, José de Alencar, José Lins do Rego e Jorge Amado, entre outros, em exemplos coletados por nós. Na **relação de movimento** apontada pelos autores da gramática, temos em:

### **Para**

#### **a) no espaço:**

(22) O alienista caminhou **para** a varanda da frente e chegou ali no momento em que a rebelião também chegava e parava, defronte, com as suas trezentas cabeças rutilantes de civismo e sombrias de desespero. (MA (1962), v. 2, p. 272)

(23) Logo depois rejeitava a idéia, vexado de si mesmo, e seguia, picando o passo, na direção do Largo da Carioca, **para** entrar num tálburi. (MA (1962), v. 2, p. 481)

(24) O comendador era português, tinha seus cinquenta anos, e viera **para** o Rio aos vinte e quatro, tendo estado antes seis no Recife. (LB (2001), volume único, p. 1105)

Nos exemplos acima, verificamos essa tendência de movimento, em que se supõe que há um deslocamento de um ponto de partida para uma determinada direção. Observaremos mais à frente, a diferença com relação a **por**.

**b) no tempo:**

(25) E uma e outra pediam a Deus que removesse qualquer episódio trágico – ou que o adiasse, ao menos, **para** o dia seguinte. (MA (1962), v. 2, p. 267)

**c) na noção:**

(26) O pai saíra **para** uma viagem comprida, deixando a filha, que ele amava mais do que tudo, com a sua segunda mulher. (JLR (1976), v. 1, p. 88)

(27) Assim são os literatos que simulam sê-lo **para** ter a glória que as letras dão, sem querer arcar com as dores, com o esforço excepcional, que elas exigem em troca. (LB (2001), volume único, p. 756)

(28) Tinha só três buracos, dous **para** ver, um para respirar, e era fechada atrás da cabeça por um cadeado. (MA (1962), v. 2, p. 659)

De acordo com Celso Cunha & Cintra, com relação a **por (per)**, a **relação de movimento**, ou percurso de uma extensão entre limites, ou mesmo duração, aparece nos aspectos seguintes:

**Por**

**a) no espaço:**

(29) **Por** ali passam todos os bondes da chamada linha de baixo: Lapinha, Santo Antônio, Barbalho, Estrada da Liberdade, Calçada, vários outros. (JAm (1965) p. 49)

(30) A vovó contava que via almas, pássaros brancos batendo asas pelas paredes. Na viagem, estas almas, de noite, ficavam voando **por** cima dos negros amarrados. (JLR (1976), v. 1, p. 93)

**b) no tempo:**

(31) O nome do Nicolau reboou **por** muitos dias na imprensa da Corte (...). (MA (1962), v. 2, p. 358)

(32) Carlos de Melo ficou com os parentes, desertando da velha casa, aonde o seu avô comandara **por** tantos anos. (JLR (1976), v. 1, p. 715)

(33) – **Por** ora; mas há de vir a gostar se o noivo for um bonito rapaz, de bom coração (...).”(MA (1962), v. 1, p. 89)

**c) na noção:**

(34) Ele sabia os nomes de um **por** um, desde a redação até à administração, passando pelas oficinas, revisão e expedição. (LB (2001), volume único, p. 209)

Na **relação de situação**, que, para Cunha e Cintra, seria o resultado do movimento de aproximação a um limite, também encontramos as variáveis de espaço, tempo e noção, porém somente em **por**:

a) **no espaço:**

(35) **Por** detrás das cortinas, seguia-te com o olhar, até que desaparecias no fim da rua (...).” (JA (1959), v. 1, p. 207)

(36) Tudo isso desaparecia à frente da orquestra; então a vida derramava-se **por** todo o corpo e todos os gestos do mestre (...). (MA (1962), v. 2, p. 387)

b) **no tempo:**

(37) Aquela placidez do ofício, sem atritos, nem desconjuntamente violentos, aquele deslizar macio durante cinco horas **por** dia; aquela mediania de posição e fortuna, garantindo inabalavelmente uma vida medíocre – tudo isso vai muito bem com as nossas vistas e o nosso temperamento. (LB (2001), volume único, p. 1044)

(38) Nenhuma nuvem sombreava o céu azul da existência do casal Meneses. Minto; de vez em quando, uma vez **por** semana apenas, e isto só depois de cinco meses de casados, Eulália derramava algumas lágrimas de impaciência por se demorar mais do que costumava o amante José Meneses. (MA (1962), v. 1, p. 748)

c) **na noção:**

(39) Eu não embirro **por** besteira. (JLR (1976), p. 572)

(40) Deve-se fazer-lhe uma justiça; Augusta não regateava nunca; pagava o preço que lhe pediam **por** qualquer coisa. (MA (1962), v. 1, p. 81)

(41) Durante a viagem pensava nessa circunstância que a sua carta me revelara, e fazia-me **por** lembrar de todas as ruas por onde costumava passar, para ver se adivinhava aquela onde ela morava e donde todos os dias me via sem que eu suspeitasse. (JA (1959), v. 1, p.193)

Ainda sobre a questão do significado das preposições, cumpre lembrar a posição de Bechara (2001)<sup>3</sup>. Do mesmo modo que Cunha e Cintra e Pottier, aquele outro autor defende a importância do significado básico das preposições para o sucesso das suas relações sintáticas dentro da frase, já que são selecionadas justamente por sua causa.

Bechara fala de “significado unitário, fundamental, primário” que toda preposição possui, mas que se desdobrará em outras acepções ou sentidos captados pela situação e pelo contexto. Um bom exemplo que o autor nos fornece ressalta de maneira satisfatória o exposto acima:

(42) Nós trabalhamos **com** ele, e não **contra** ele. (2001:297)

A seleção das diferentes preposições, **com** e **contra**, se deve ao fato de que cada uma delas possui seu significado próprio ou unitário que, de acordo com a situação contextual, foi necessária ao bom entendimento da frase ou do que se pretendeu exprimir.

Bechara também ressalta que, do ponto de vista semântico, o sistema preposicional do português divide-se em dois campos centrais: um caracterizado pela dinamicidade e outro em que as noções estáticas e dinâmicas são marcadas seja quanto ao espaço seja quanto ao tempo. O autor, assim como outros autores da língua portuguesa, chama a atenção para os casos em que a preposição aparece

---

<sup>3</sup> BECHARA, Evanildo. *Moderna Gramática Portuguesa*. Edição Revista e Ampliada. Rio de Janeiro: Lucerna, 2001.

por servidão gramatical. Estão aí incluídos os casos de regência obrigatória, como os que se observam em “tratar de”, “gostar de”, “assistir a”, “acreditar em”, “ansiar por” e outros.

No que toca às preposições que são alvo do nosso estudo, falando dos valores denotados pela preposição **por**, o autor assinala o uso desta preposição no lugar de **para**, indicando o valor de finalidade. O exemplo apresentado é de Machado de Assis e vem a seguir, numerado de acordo com a sequência dos exemplos deste trabalho:

(43) Forcejava **por** obter-lhe a benevolência, depois a confiança. (MA, v. 1, p. 194)<sup>4</sup>

Rocha Lima (2006) também registra a possibilidade de **por** expressar finalidade. O exemplo dado é de Camões, logo do século XVI. Observa também a coexistência no português arcaico das preposições **per** e **por**, cada uma delas com seu valor etimológico.

Não podemos deixar de assinalar enfoques que fogem ao tratamento habitual dado às preposições, apontando aspectos peculiares a esta classe de palavras. Encontram-se neste caso os trabalhos de José Carlos Azeredo (2000) e Maria Helena de Moura Neves (2004).

Azeredo (2000: 144)<sup>5</sup> define a preposição como a palavra invariável que precede uma unidade nominal – substantivo, pronome, infinitivo – convertendo-a em constituinte de uma unidade maior. Tal definição põe em relevo o caráter de transpositor das preposições. Os membros dessa classe de palavras, do mesmo modo que as conjunções subordinativas, os pronomes relativos, advérbios interrogativos e pronomes indefinidos, e ainda desinências aspectuais como o – r, o – ndo e o – do, que formam, respectivamente, as formas de infinitivo, de gerúndio e de particípio dos verbos (cf. Azeredo, op. cit. p. 211 – 212) funcionam como transpositores. Dito de outra maneira, os transpositores são subordinantes e pertencem às unidades que introduzem. No caso das preposições, elas são a marca formal de estruturas nominais subordinadas.

<sup>4</sup> *Apud* BECHARA, Evanildo. *Moderna Gramática Portuguesa*. Rio de Janeiro: Editora Lucerna, 2001.

<sup>5</sup> Cf. Referências Bibliográficas.

O critério adotado por Moura Neves (2004)<sup>6</sup> privilegia o fato de as preposições serem ou não introdutórias de argumentos, logo, leva em conta a transitividade. Quando não introduzem argumentos (complementos verbais, ou de substantivos, adjetivos e advérbios) estão fora do sistema da transitividade e estabelecem, assim, relações semânticas.

As preposições **ante**, **após**, **desde**, **perante**, **sem** não introduzem argumentos. Por sua vez, as preposições **para** e **por**, que estão no centro do nosso estudo, podem ou não funcionar no sistema de transitividade do português. No caso específico que nos interessa, o da expressão da finalidade, **para** e **por** introduzem expressão adverbial, logo funcionando fora do sistema de transitividade. O exemplo de Neves para a preposição **por** expressando finalidade está transcrito abaixo:

(44) Não, falara aquilo **por** brincadeira de certo. (SA) (Apud Neves, op. cit., p. 707)<sup>7</sup>

Convém lembrar neste ponto que o valor final pode ser observado em construções de **por + infinitivo** quando a preposição está presente por servidão gramatical, mas que não é responsável pela relação semântica.

Levando em conta a caracterização de Neves, observa-se que, enquanto nas estruturas que não introduzem argumentos as preposições estabelecem uma relação semântica, por outro lado, quando funcionam no sistema de transitividade, o sentido está no verbo e/ou no complemento.

De certa forma, esse fato coincide com as diferenças propostas por Cunha e Cintra (2001) entre complementos preposicionados e adjuntos. No primeiro caso, para os autores, a preposição está esvaziada de sentido, o que não ocorre quando a partícula introduz adjuntos. Este fato é bem marcante com certas preposições como **a** e **de**. Entretanto, no caso de **para** e **por**, podemos encontrar situações em que se torna necessário ter muita atenção para identificar a presença ou não de um argumento. No português brasileiro, com a crescente substituição da

<sup>6</sup> Cf. Referências Bibliográficas.

<sup>7</sup> SA corresponde a Sagarana. ROSA, Guimarães. Rio de Janeiro: José Olympio, 1976.

preposição **a** por **para**, torna-se necessário atentar para a diferença sintática entre construções do tipo ilustrado em (45) e (46), a seguir:

(45) Comprei flores **para** dar a minha mãe.

(46) Ofereci flores **para** minha mãe.

Em (45), **para** estabelece uma relação de finalidade. Por sua vez em (46), **para** introduz um argumento, no caso o beneficiário da ação verbal. Nota-se que há afinidade semântica entre o termo introduzido por **para** (minha mãe) e o verbo que prevê um destinatário (ofereci).

Retomando a observação feita com relação a **por**, presente na estrutura por servidão gramatical, observamos que não são poucos os casos em que, nos textos pesquisados, os argumentos introduzidos por esta preposição expressam a idéia de fim. Lembramos que esta acepção decorre da combinação dos traços semânticos do predicador (verbo, substantivo, adjetivo) com a natureza do argumento. Nas construções “trocar por”, “orar por”, “sacrificar-se por”, os complementos expressarão noções que são tradicionalmente atribuídas a valores da preposição, ou seja, substituição e favorecimento.

A seguir faremos comentários sobre o tratamento das preposições **para** e **por** em trabalhos de cunho histórico. Escolhemos três obras clássicas e outros estudos mais recentes para comentar o tratamento do assunto. São elas:

1. *Lições de Português*, de Sousa da Silveira (1952)<sup>8</sup>;
2. *Syntaxe Histórica Portuguesa*, de Epiphanyo da Silva Dias (s.d.)<sup>9</sup>;
3. *Gramática Histórica*, de M. Said Ali (1965)<sup>10</sup>.
4. *Processos de gramaticalização de preposições do latim ao português*, de Rosauta Maria Galvão Fagundes Poggio (2002)<sup>11</sup>.

<sup>8</sup> Cf. Referências Bibliográficas.

<sup>9</sup> Cf. Referências Bibliográficas.

<sup>10</sup> Cf. Referências Bibliográficas

<sup>11</sup> POGGIO, Rosauta Maria Galvão Fagundes. *Processo de gramaticalização de preposições do latim ao português*. Salvador: EDUFBA, 2002.

5. *A contribuição ao estudo semântico da preposição por e per na crônica de D. João I (1ª parte), de Fernão Lopes* – Hilma Ranauro (1990)<sup>12</sup>.

6. *As preposições per e por no português arcaico*, de Eneida Bomfim (1992)<sup>13</sup>.

## 2.2

### Estudos específicos

Em Sousa da Silveira (1952), não encontramos nada muito elaborado que acrescentasse ao nosso tema. O autor se limita a citar e exemplificar os diversos valores das preposições **para** e **por**. No caso da finalidade expressa pela preposição **por**, Silveira cita alguns exemplos, mostrando que esta preposição ocupa o lugar de **para**, partícula mais comum para indicar tal valor. A propósito, cabe registrar a observação de Magne (1944:311): “Seguido do infinitivo, equivale, em regras, a **pera, para** (...)”. No verbete **pera** (p. 302), encontra-se: “**pera** – Prep. Forma antiga de **para**, do lat. **per ad** (...). Em direção a, a fim de, a favor de”<sup>14</sup>.

Augusto Epiphânio da Silva Dias, na *Syntaxe Historica Portuguesa* (s.d), faz, igualmente, um arrolamento dos valores das preposições em estudo, porém, fornecendo breves informações explicativas sobre cada uma delas, em textos antigos. Ao tratar de **por**, o autor faz alusão às suas origens sintáticas, em que esta preposição absorveu as funções de **per** e **pro**. Os exemplos também são retirados de textos antigos, mas sempre com a indicação de **per** junto a **por**. O autor, no entanto, não menciona a finalidade em **por** em momento algum.

M. Said Ali (1965) dedica maiores comentários sobre as preposições **per**, **por**, **pera** e **para**. Em **per**, existem ainda na linguagem moderna, as expressões *de per si*, *de per meio*, *perante* e *pelo* (provindo de *pello*). A esta preposição eram dados os valores de “através de”, “por meio de”, “lugar por onde” algo se estende e duração de algum acontecimento. O autor afirma que havia constantes usos de contextos análogos entre **per** e **por** (do latim **pro**) e, por determinados motivos fonéticos ou mesmo prosódicos, pode ter prevalecido **por** em detrimento de **per**.

<sup>12</sup> Cf. Referências Bibliográficas.

<sup>13</sup> Cf. Referências Bibliográficas.

<sup>14</sup> Cf. Referências Bibliográficas.

Said Ali aponta a confusão que existia entre os valores de finalidade e causa nos textos de português antigo e na linguagem camoniana, quando se verificava a transição do conceito de “em favor de” para o de “fim e intenção”. Porém, através dos exemplos do autor, podemos perceber que para estabelecer a finalidade, o uso do infinitivo conseqüente à preposição é bastante recorrente, ao contrário da exemplificação de causa, podendo ser o distintivo para o uso de ambas, evitando, desta maneira, uma possível ambigüidade (1965:216). Seguem exemplos de Said Ali:

(47) Fim – E **por saberem** o esmo em que logar eram, traziam dous traadores (Fernão Lopes, D. J. 325) – E com hum delles furavõ a terra per cima **por veerem** o çerto onde já chegavam (ib. 325) – Foi **por cobrar** Villa Viçosa (ib. 321) – **Por vos servir**, a tudo aparelhados (Camões, Lus. 10, 143) – Deixas criar ás portas o inimigo **por ires buscar** outro de tão longe (ib. 4, 101).

(48) Causa – Cuidou **por a gram festa** e prazer em que seriam postos em aquell dia... que de salto e cupitamente podia tomar o logar (Fernão Lopes, D. J. 331) – Deu muitas graças a Deos, que **por sua grande misericordia** o quisera guardar (ib. 333).

Said Ali alude à origem de **pera**, cujos aspecto e significação levam a crer na formação de **per + ad**, apesar das controvérsias caminhando na direção de **pro + ad**. Em seguida, aponta a rivalidade entre **para** e “**a**” no sentido de “destinação” e “lugar para onde”.

Podemos ainda acrescentar que esta rivalidade exacerbou-se no português atual do Brasil. Cada vez mais **para** vem assumindo o lugar de **a** para introduzir o destinatário, o beneficiário.

Em *Processos de Gramaticalização de Preposições do Latim ao Português*, Poggio (2002) trata das preposições **per/por**, do latim **per/pro**, entre outras, assinalando sua etimologia e seus campos de atuação no latim. No século

XVI, no português, as duas preposições coexistiam, segundo suas palavras, “em frases do mesmo autor, como Castanheda”<sup>15</sup>. Observa ainda que, depois do século XVI, **per** só aparece em expressões estereotipadas.

Com relação aos sentidos de **por**, observa que “foi mais pronta a mudança do sentido de ‘em favor de’ para o de ‘fim’, ‘intenção’. Porém, no português arcaico e na linguagem camoniana, empregou-se, ambigualmente, a preposição, podendo significar ‘fim’ ou causa (...)”<sup>16</sup>. Ainda chama atenção para o fato de que “nos *Diálogos de São Gregório*, num processo de sintaticização, verifica-se a extensão do emprego da preposição **por** da relação entre vocábulos para a relação entre orações” (p. 216). Refere-se ao emprego de **por**, seguido de infinitivo.

Outro trabalho que trata especificamente das preposições **per** e **por** é a tese de Doutorado de Hilma Ranauro (1990)<sup>17</sup>. Nesse alentado trabalho, a autora focaliza as preposições **per** e **por** na Crônica de D. João I, de Fernão Lopes, com observações importantes sobre a concorrência das duas partículas e farta exemplificação.

Trata, entre outros assuntos, das noções introduzidas pelas duas partículas. Com relação ao emprego de **por** expressando finalidade, cita Júlio Moreira<sup>18</sup>. Este comenta que, ao lado de **por** (que depois neste emprego foi substituído por **para**) também se empregava **porque** com o mesmo valor e como conjunção (hoje, **para que**).

Consideramos, também, a análise das preposições **per** e **por** no português arcaico em Bomfim (1992)<sup>19</sup>. Neste trabalho a autora acompanha a história dessas duas preposições, analisando sua concorrência e apontando os campos semânticos em que se realizam e a confusão semântica que propiciou que **por** assumisse as funções de **per** para, finalmente, suplantá-la.

Considerando **pera**, hoje **para**, uma forma reforçada de **per** (no latim **per+ad**), essa partícula também faz parte do estudo. A análise foi apoiada nos dados de *corpora* de textos abrangendo do século XIII ao início do XVII.

Sabendo que a confusão entre **per** e **por** é fenômeno comum às demais línguas neolatinas – exceto o francês –, resultando no desaparecimento de uma

<sup>15</sup> Op. cit. p. 207.

<sup>16</sup> Idem, ibidem.

<sup>17</sup> Cf. dados completos nas Referências Bibliográficas.

<sup>18</sup> Cf. Referências Bibliográficas.

<sup>19</sup> Cf. Referências Bibliográficas.

delas, a autora foi buscar as raízes do problema ainda no latim. No latim clássico, **per** e **pro** regiam casos diferentes – acusativo e ablativo respectivamente –, e estavam inseridas em campos semânticos também distintos. Já no latim bárbaro e no baixo latim, uma era usada pela outra, causando confusão tanto no nível sintático (a escolha do caso), quanto no nível semântico.

Bomfim considera importantes duas informações:

1. Duarte Nunes do Leão, na *Ortografia* (1ª ed. de 1576), condena a confusão que se faz entre **per** e **por**, seja na fala, seja na escrita. Ensina que se deve seguir o valor de **per** e **pro** latinos;
2. Antônio de Moraes Silva, no *Dicionário da Língua Portuguesa* (1ª ed. de 1789) registra que **per** foi usado anteriormente pelos clássicos e já estava substituído pela preposição **por**.

Podemos concluir dessas informações que, no século XVI, **per** estava sendo suplantado pela preposição **por**, apesar da reação normativista de Leão, e que essa substituição já se efetivara no século XVIII.

Partindo dessas premissas, a autora analisa o comportamento desses itens lexicais, determinando os campos semânticos em que atuam e acompanhando as etapas da concorrência até a eliminação total de **per** em favor de **por**.

O nosso trabalho está voltado particularmente para a expressão de finalidade nessas preposições. Faremos, portanto, um corte na pesquisa de Bomfim, separando do todo as informações sobre a indicação de fim a partir das preposições **per**, **por** e **pera** (**para**).

O trabalho de Bomfim mostra, a partir da análise dos dados do *corpus* representativo de textos dos séculos XIII ao início do XVII, que há concorrência entre as preposições **por** e **pera** na expressão da finalidade. Propomos a tabela abaixo, a partir das informações fornecidas no trabalho, resultantes da comparação dos dados dos seguintes textos, representativos do português arcaico médio:

A – *Demanda do Santo Graal* (DSG). Reprodução fac-similar e transcrição crítica do Códice 2594 da Biblioteca Nacional de Viena – v. 1. Rio de Janeiro: INL, 1955.

B – *Crônica Geral de Espanha*, de 1344 (CGE). 4º v. Edição crítica do texto português por Luis Felipe Lindley Cintra. Lisboa: Casa da Moeda, 1951.

Tabela 1  
Expressão da finalidade

| Texto | Por | Pera | Per | Totais |
|-------|-----|------|-----|--------|
| DSG   | 62% | 35%  | 3%  | 100%   |
| CGE   | 50% | 50%  | 0%  | 100%   |

Conclui-se que, nessa fase do português, há variação entre **por** e **pera** na expressão da finalidade. Na CGE, há equilíbrio entre as duas preposições.